

## **A misericórdia na comunidade: reconciliação, diálogo, perdão das dívidas**

Para aprofundar convosco o tema da misericórdia na comunidade, gostaria de partir de uma passagem do Sermão da Montanha, no capítulo 5 de São Mateus:

"Se estás, portanto, para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; só então vem fazer a tua oferta." (Mt 5,23-24)

### **A oferta incômoda**

É uma passagem do Evangelho que me parece corresponder bem à nossa vida e vocação. Jesus se volta para alguém que apresenta sua oferta sobre o altar. Em grego, "apresentar a oferta", literalmente, poderia ser traduzido: "levar um presente". Implica, portanto, uma idéia de gesto livre, gratuito. A oferta que trazemos ao altar é um presente que queremos dar a Deus. Notemos que a intenção de quem oferece é, antes de tudo, oferecer a oferta sobre o altar (*epi to thysiasterion*). Mas é como se Jesus o detivesse, e lhe dissesse para deixar a oferta diante do altar (*emprosthen tou thysiasteriou*).

O gesto de apresentar a própria oferta ao altar de Deus, é o significado resumido da vocação monástica. É o sentido da vocação de cada batizado, mas os monges têm a vocação de se concentrar neste gesto, ou seja, de viver seu batismo como oferta de si ao Senhor, oferta que somos todos chamados, sempre, a expressar e renovar celebrando a Eucaristia. É um pouco como se Jesus, nesta passagem do Sermão da Montanha, estivesse assistindo um monge, uma monja, que faz a Profissão. Não por acaso, o rito da Profissão prevê assinar o documento dos votos, sobre altar, e de deixá-lo sobre o altar durante a oração eucarística. Jesus olha este monge que livremente coloca sua oferta sobre o altar e lhe diz: Pare um momento! Antes de colocar a tua oferta sobre o altar, te convido a refletir, a pensar, - literalmente a "recordar". E do que é preciso se lembrar? Talvez do rito, talvez da cerimônia? Talvez de Deus e dos anjos? Não! Cristo quer que nos lembremos do nosso irmão, da nossa irmã.

Um estava lá todo piedoso e cheio de bons sentimentos religiosos, e talvez tinha libertado seus pensamentos de toda distração, para pensar somente a Deus, à sagrada oferta, à religião, e eis que Jesus "arruina a cerimônia", perturba o rito, e nos pede quase de "distrair-nos", para pensar além de Deus. Pede-nos para lembrar do nosso irmão, e como se isto não fosse suficiente, para incomodar nosso recolhimento, nos pede para pensar no irmão que tem "algo contra" nós, que é nosso adversário, ou do qual, somos adversários. Sabemos, muito bem, que nada perturba a nossa paz interior e nossa oração,

mais do que pensar nas pessoas com quem temos problemas de relacionamento. No entanto, Cristo nos pede para não censurar este pensamento, de lembrar-nos justamente deles, além do que, nos pede isto como condição para rezar bem, para oferecer bem e com verdade, a nossa vida a Deus.

### **A voz do sangue de Abel**

Devemos sentir neste chamado de Jesus, de nos lembrar do irmão com quem discordamos, a ressonância de uma longíssima história, que remonta a Caim e Abel. Porque aqui, Jesus é como Deus que "incomoda" a consciência de Caim perguntando-lhe: "Onde está Abel, teu irmão?" (Gn 4,9). Não esqueçamos que a inimizade de Caim contra Abel, surgiu por causa das ofertas apresentadas a Deus (cfr. Gn 4,3-5). Deus lembra a Caim que o irmão que não amamos, não pode ser esquecido diante Dele. E Abel, não somente "tinha algo contra" Caim: "a voz do seu sangue", gritava a Deus, do solo (cfr. Gn 4,10). O sangue de Abel, a vida de Abel, "tinha algo contra" Caim, acusava Caim, e Deus ouve este grito, esta lamentação, esta acusação do irmão inocente, contra o irmão que lhe fez mal.

Então, creio que devemos entender, também na passagem evangélica que estamos meditando, aquilo que o nosso irmão tem contra nós, é uma acusação que nos torna culpados, ou pelo menos, responsáveis. Devemos aceitar nos confrontar com esta acusação. Como o sangue de Abel, Deus ouve a acusação que o coração do irmão tem para conosco, e nos pede também para sermos sensíveis a esta acusação, de ouvi-la, resolvê-la, antes de colocar a nossa oferta sobre o altar.

Também nos Salmos, encontramos este pedido de Deus, de não oferecer sacrifícios à Ele, censurando a relação com nossos irmãos e irmãs. Por exemplo, no Salmo 49:

"Dás plena licença à tua boca para o mal e tua língua trama fraudes. Tu te assentas para falar contra teu irmão, cobres de calúnias o filho de tua própria mãe.

Eis o que fazes, e eu hei de me calar? Pensas que eu sou igual a ti? Não, mas vou te repreender e te lançar em rosto os teus pecados. (...) Honra-me quem oferece um sacrifício de louvor; ao que procede retamente, a este eu mostrarei a salvação de Deus." (Sl 49,19-21.23)

Em síntese, Deus pede sempre de nos lembrar do nosso próximo, de não ir até Ele esquecendo os irmãos, as irmãs. Os Salmos, os Profetas, e todo o Novo Testamento, são uma constante advertência a este "lembrar" do irmão. Também os patriarcas viveram isto. Abraão, na presença de Deus, que lhe aparece em Mamre, está tomado pela preocupação com o povo de Sodoma, mesmo tão pecadores, e faz de tudo para obter a misericórdia de Deus (cfr. Gn 18,23-32). E qual é a primeira palavra de Moisés na Bíblia? É aquela que diz a um hebreu que está batendo em outro hebreu: "Por que bates em teu irmão?" (Êx 2,13). Toda a vocação de Moisés, no fundo, começa aqui, com esta pergunta, com este convite a lembrar-se do irmão e a tomar consciência daquilo que acontecia entre ele e eu.

A primeira palavra de Moisés, como a primeira palavra de Deus a Caim (Gn 4,6-9), ou a primeira palavra de Jesus a São Paulo - "Por que me persegues?" (At 9,4) -, é uma pergunta dramática, que nos lembra o problema da relação com os nossos irmãos. Acolher esta pergunta é um juízo que destaca toda a resistência ao amor que existe em nós. Esta pergunta é uma ferida. Se acolhemos esta, pode ser uma ferida de arrependimento, que gera uma compaixão por todos, que não é nossa, que é uma graça, um verdadeiro milagre. É como se Deus viesse nos pedir o coração, pedi-lo e tomá-lo, para doá-lo ao nosso irmão ferido, como Deus nos dá o Seu.

### **A reconciliação faz parte da oferta**

Eis que Jesus nos convida a incluir no ato da nossa oferta a Deus o pensamento, a memória das nossas relações fraternas. Em suma, não podemos viver a relação com Deus com verdade, se em nós não for resolvida a discórdia com o irmão.

Notemos que esta lembrança do irmão em discórdia, e a saída para se reconciliar com ele, em certo sentido, não é um ato que acontece fora da oferta. Jesus, de fato, pede para deixar a oferta diante do altar, enquanto vai reconciliar-se com o irmão. Assim, é como se ir a conciliar-se, fizesse parte da oferta. É como se à oferta faltasse algo, que quem oferece, deve ainda ir buscá-lo para adicioná-lo à oferta, para que a oferta seja verdadeiramente total e agradável a Deus.

Na vida cristã, e especialmente, na vida monástica, não se pode disassociar oferta a Deus e reconciliação fraterna. Em Cristo, não é mais possível disassociar relação com Deus e relação com o irmão. Na parábola do Bom Samaritano de Lucas 10,25-37, é este o ponto essencial: o sacerdote e o levita não tocam o homem ferido porque isto tornaria impura a oferta feita ou para ser dada ao Templo de Jerusalém; isto os tornariam impróprios ao culto, que é a profissão deles, e portanto, o fator mais importante na vida. Nisto, não percebem de contradizer o coração da lei, que o doutor que interroga Jesus coloca em evidência, associando algumas passagens do Antigo Testamento: "Respondeu ele: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento; e a teu próximo como a ti mesmo."(Lc 10,27; cfr. Dt 6,5; Gs 22,5; Lv 19,18).

No fundo, a grande revolução e novidade cristãs, não são tanto o culto de Deus, mas a exigência de não disassociar o culto de Deus da caridade para com o homem. Porque o coração do Cristianismo é a pessoa de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Se criamos esta disassociação, a nossa vocação se torna uma aberração. A disassociação entre a oferta a Deus e a reconciliação fraterna, não só nos separa de Deus, mas nos divide interiormente, nos impede de sermos homens e mulheres unificados, isto é, "monges". Explico-me: isto vale nos dois sentidos, seja no dedicar-se totalmente ao culto de Deus, esquecendo os irmãos, seja que no dedicar-se totalmente aos irmãos, esquecendo o amor de Deus, a oração.

Para chamar, portanto, os irmãos ou irmãs à reconciliação, o primeiro passo é aquele de ajudá-los a recuperar a consciência do fato que, não se pode oferecer a vida a Deus, como cada monja e monge gostaria de fazer, sem dedicar-se, efetivamente, às relações fraternas. Todos os dias, no fundo, somos chamados a "deixar a nossa oferta diante do altar" para ir "reconciliar-se com o irmão", e somente assim a nossa oferta, a vida oferta, é colocada sobre o altar, a disposição de Deus, para louvor e glória de Deus. É como se a reconciliação, fosse a forma com a qual, nos é dada levar a oferta da vida diante do altar, para em cima do altar, isto é, a forma de tornar a nossa oferta verdadeiramente aceita, acolhida, santificada por Deus e para Deus. Se quisermos "procurar verdadeiramente Deus", como pede para os noviços, São Bento (cfr. RB 58,7), não devemos esquecer de procurar verdadeiramente o irmão, a irmã, que estávamos separados ou longes.

### **Responsáveis pelo coração do irmão**

Por isso São Bento nos ajuda, ao longo de toda a Regra, a lembrar-nos do irmão que tem algo contra nós. É uma consciência, uma sensibilidade, uma preocupação que devemos cultivar em nós e na comunidade. Na verdade, se trata de sentir-se responsáveis pelos sentimentos do irmão, do seu coração, da sua alegria e tristeza. Várias vezes, a Regra nos pede esta responsabilidade com relação aos sentimentos uns dos outros. É de lá que inicia um processo de reconciliação. É como um remorso, uma contrição, que nos torna desconfortável diante de Deus, e então entendemos que com irmão irritado deve acontecer o mesmo, e portanto, não basta deixar passar o problema. Há um processo que deve acontecer entre meu irmão e eu, e se eu topo, e também o irmão topa, será uma oportunidade de avançar no caminho da oferta de nossas vida a Deus. Afinal, trata-se sempre de cultivar a atitude da primeira comunidade cristã, no Cenáculo de Jerusalém. A oração unânime (At 1,14), o ficar juntos (At 2,1) são a dimensão de oferta real e agradável a Deus, que acolhe a graça do Espírito Santo. Aquilo que é pedido ao homem, à comunidade, é de apresentar a Deus esta concórdia, esta unidade, a qual, o Espírito realiza através do dom da Comunhão Trinitária na Igreja.

Um apofétgma anônimo diz: "Dê a alma e receba o Espírito, isto é, o Espírito Santo" (Série Temática, A compunção, n. 54).

Está todo aqui o trabalho ascético que nos é pedido continuamente: oferecer a Deus a nossa alma, nossa *psyché*, os nossos sentimentos, julgamentos, nossa vida, todo o nosso eu autônomo - tantas vezes voltado para si - para receber o espírito (*pneuma*), o Espírito de Deus que vem vivificar na caridade tudo aquilo que somos e provamos. É este o verdadeiro culto, o verdadeiro sacrifício, a verdadeira oferta que agrada a Deus e, e a agrada infundindo sobre esta o fogo do seu Espírito Paráclito.

Como dizia, Jesus interrompe o gesto da oferta pedindo para pensar no irmão de sentimentos hostis. Este "recordar" a relação que tenho com os nossos irmãos e irmãs, faz parte da oferta, e é o início da oferta feita. Penso a todas as vezes em que São Bento nos pede para estar atentos aos sentimentos dos irmãos, como quando pede ao celereiro, com insistência, para não entristecer ninguém (RB 31,6-7.13-14.16.19). Também, no Capítulo 71, sobre a obediência recíproca, quando pede a cada um, com uma punição severa, de prostrar-se diante do superior ou anciãos, se percebermos que seu ânimo está

apenas, levemente, irritado ou agitado contra nós (RB 71,7-9). Também quando pede ao abade de dispor todo o necessário, para não despertar nos irmãos uma murmuração justificada (RB 41,5). Poderia-se fazer muitíssimos outros exemplos desta preocupação que São Bento nos pede, para com o coração dos irmãos ou irmãs. Ele também, portanto, quer que na oferta da nossa vida, não esqueçamos o irmão que tem algo contra nós.

É importante partir desta sensibilidade ao outro, desta não-indiferença ao coração do outro, mesmo que o outro não tenha razão para estar irritado. A irritação do irmão é um problema para ser enfrentado, não para fugir, nem mesmo com a oração ou piedade.

Quando pensamos em nossa comunidade, ou visitamos as outras comunidades, vemos que não é raro que irmãos ou irmãs "tenham algo contra" outros irmãos ou irmãs, ou contra os superiores, ou também contra si mesmos. "Ser contra" é o oposto de "estar com" ou "ser para" da comunhão cristã. É realmente um problema a ser levado a sério. Não se trata tanto de ter opiniões diferentes, mas de uma falta de amor para com a pessoa do outro, que fere em profundidade uma comunidade e toda a Igreja. É o ódio que paga a caridade.

As vezes, se trata apenas de algo que o irmão nos repreende, que não gosta em nós, do qual, nos acusa. Também é importante levar a sério, porque significa que posso realmente ser responsável pelos sentimentos negativos do irmão, pela sua tristeza, pela sua perda de paz.

### **Arrastado pelo juiz**

Em todo caso, Jesus nos pede um trabalho de reconciliação.

Em que consiste este trabalho? Como favorecê-lo em nossa comunidade? É a este ponto que devemos falar de diálogo e de remissão da dívida.

O termo grego traduzido em Mateus 5,24 com "reconciliação" é o verbo *diallasso*, que significa literalmente "trocar com". Isto significa um recolocar-se em uma situação de troca com o outro, e portanto a busca de um diálogo, de uma troca de palavra, do ouvir um ao outro, para reencontrar a paz no relacionamento mútuo. Para aprofundar este aspecto, é útil meditar seguindo este evangelho:

"Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto em prisão. Em verdade te digo: dali não sairás antes de teres pago o último centavo!" (Mt 5,25-26)

Aqui, o irmão que tem algo contra nós é definido "adversário", em grego *antidikos*, que significa literalmente: adversário na justiça, aquele que nos acusa de não estar certo, de ser culpado. Na verdade, é aquele que nos conduz diante do juiz para que sejamos condenados a pagar a nossa dívida, até o último centavo. À luz de outras passagens e parábolas do Evangelho, entendemos que é uma situação, na qual, não seremos tratados com misericórdia, na qual, nossa dívida não será perdoada, e devemos pagar na prisão, sem liberdade, talvez com trabalhos forçados, como escravos.

Ultimamente, recebi um e-mail spam muito bem feito, da parte do governo italiano, que me declarava prisão por fraude fiscal e lavagem de dinheiro. Estava escrito em um italiano perfeito, em termos legais refinados, com as referências ao código civil e penal. Mas como depois de abrir esta mensagem, tinha que ir para Laudes e Missa, fiquei inquieto por duas horas, e já imaginava a invasão da polícia para me prender, etc... Não que tenha a consciência suja, sobre as questões financeiras e fiscais, porque sabeis que sou quase privo de renda. Mas, pensava que talvez o fato, de às vezes, ter enviado da Suíça ou da Itália doações em dinheiro para os mosteiros na África, Vietnã, América Latina, tivesse sido mal interpretado como fraude fiscal e lavagem de dinheiro. Em suma, por umas duas horas senti, um pouco, a angústia que sente o acusado na justiça, que corre risco de prisão. E vi que não é agradável!

Eis que, Jesus também nos manda um e-mail spam, para simular uma situação angustiante de acusação, e é como se nos dissesse que, no fundo, o relacionamento com cada irmão deva passar por esta situação, que na relação com cada irmão ou irmã, tem um momento em que se corre o risco de ser entregues ao juiz, e ser julgados apenas pela justiça, sem misericórdia, e portanto de ser condenado à prisão, condenado a pagar toda a dívida do nosso bolso, sem nenhum desconto.

O que fazer para não acabar no tribunal? Estamos já em caminho para o tribunal. Toda vida nasce e cresce endereçada para o tribunal de Deus, no qual, nos será pedido prestar contas de tudo. A vida humana é sempre um estar em caminho com outras pessoas que, de uma forma ou de outra, colocam em julgamento a nossa justiça, a nossa justiça para com eles. Cada pessoa com quem vivemos, mesmo aquela pessoa que vive no outro hemisfério da terra, devemos alguma coisa. Somos sempre devedores uns dos outros. Esquecemo-nos, fingimos que não é verdade, que não é grave, mas estamos sempre em débito com alguém. Cada ser humano que o Senhor coloca em nosso caminho, nos torna responsáveis dele. As vezes porque é mais pobre do que nós, ou talvez porque é mais solitário que nós, ou tem menos saúde, ou simplesmente porque é pecador e necessita da nossa misericórdia. A revolução que Cristo introduziu nas relações humanas, é que nos tornamos devedores, também com aqueles que nos são devedores, porque tendo Cristo dado-nos a sua vida, todo seu ser, temos um capital de gratuidade divina que cancela toda a dívida dos irmãos, em relação a nós. A misericórdia é isto: que em Cristo morto e ressuscitado por nós, ninguém pode ser nosso devedor mais de quanto somos, pelo infinito tesouro da graça de Deus, que recebemos sem merecimento.

## **O caminho da reconciliação**

Então, o que fazer? O que nos sugere Jesus?

Antes de tudo, Jesus nos lembra que ainda estamos em caminho para o tribunal, para o julgamento final. A vida é este caminho. E neste caminho, estamos em companhia de nosso adversário. Talvez ele nos mantém restritos, nos amarrou as mãos para não nos deixar fugir, mas estamos em caminho. E Jesus nos diz algo muito interessante: este caminho é uma oportunidade, não é ainda um local de condenação, mas um lugar em que nós mesmos, ainda podemos trabalhar para nossa liberdade, onde ainda podemos

evitar, não só a prisão e o pagamento do último centavo, mas também o julgamento, também o encontro com o juiz. E podemos trabalhar nisto, aproveitando este pedaço de estrada que nos separa do tribunal - e, portanto, de toda a nossa vida até a morte – para nos reconciliar com o irmão.

Isto implica algo fundamental para compreender a reconciliação. *A reconciliação é um caminho.* Não é algo que acontece em um momento de boa vontade, ou bondade voluntária. A reconciliação é um processo, um caminho que faço com o irmão ou irmã que me acusa, ou que acuso. A reconciliação transforma o caminho para o tribunal de justiça na busca da paz comum, da comunhão, da compreensão recíproca. Poderíamos caminhar continuando a nos acusar, ou nos recusando de falar-nos, esperando apenas a vitória sobre o rival, ou temendo apenas de perder o processo. Jesus nos convida a fazer da vida e das relações, um caminho de reconciliação.

Pensemos nos relacionamentos nas nossas comunidades. Quantos irmãos e irmãs caminham entre eles ou conosco somente acusando-se mutuamente, ou indo sempre acusar o outro para o superior, ou para os próprios amigos dentro e fora da comunidade! Quantos irmãos e irmãs caminham sem se falar! Têm problemas de relacionamento, têm um monte de razões, justificadas ou imaginárias, para queixar-se uns dos outros, e arrastam esta tensão por anos, décadas, em um silêncio sombrio, de túmulo, sem vida.

Devemos, então, perceber que o convite de Jesus é carregado de compaixão pela tristeza e esterilidade, com a qual, condenamos nossos relacionamentos, as nossas comunidades, as nossas vidas, quando não vivemos as dificuldades de relacionamento - humanamente inevitável entre os seres humanos pecadores -, como oportunidade de caminho de reconciliação. Se nos pede é porque esta oportunidade nos é oferecida, é possível escolhê-la, e Ele mesmo quer nos ajudar a viver assim, o caminho da vida e todos os nossos relacionamentos. Não somente para que a sociedade seja mais pacífica e humana, mas também porque todos alcancemos o nosso destino que é a oferta, o dom de toda a nossa vida ao Pai, que por primeiro nos deu.

Devemos ler e meditar a esta luz, o capítulo 72 da Regra, no qual, o alcançar "todos juntos a vida eterna", conduzido por Cristo, é o culminar de um caminho de reconciliação e comunhão entre irmãos e com o próprio superior.

### **Unidade de pensamento**

O termo que o Evangelho utiliza para expressar a reconciliação, que somos chamados a escolher no caminho da vida, é o termo *eunoeo*, que poderia ser traduzido como: "ser de bons pensamentos", "de bom sentimento", em latim se traduz: *consentiens*, "sentindo-se junto ao outro".

Jesus sugere que, no caminho, devemos buscar um consenso de sentimentos, de pensamentos. Isto implica que o caminho da reconciliação, seja um caminho de diálogo, de busca comum da verdade, da verdade sobre nós mesmos, da verdade dos nossos

relacionamentos, da verdade sobre tudo, especialmente sobre aquilo que é mais forte e sólido daquilo tudo que nos divide e nos torna infeliz uns com os outros.

"O que estavam discutindo no caminho?" (Mc 9,33), perguntou um dia Jesus a seus discípulos, e eles calavam, porque tinham vergonha de admitir que discutiam "sobre quem era o maior" (9,34) e, portanto, não faziam um diálogo de reconciliação, mas de divisão. Eram adversários uns dos outros, que se arrastavam ao juiz, para que todos os outros fossem condenados a ser inferiores.

Mas para que o nosso caminho comum, possa ser realmente um caminho de diálogo de reconciliação para a comunhão, precisamos que aconteça o que aconteceu com os discípulos de Emaús. Não sei se em suas discussões sobre os fatos e eventos ocorridos em Jerusalém, não houvesse também um elemento de conflito, de litígio, de acusação, se não entre eles, pelo menos para com os outros discípulos, ou quem sabe para com Jesus, que tinha falido a sua missão .

Jesus vem e transforma o caminho estéril de lamentação e tristeza, em diálogo de comunhão de sentimentos, no ouvir e meditar a Palavra de Deus, iluminada pelo Verbo do Pai.

"Não nos ardia o coração dentro de nós, enquanto nos falava no caminho, quando nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,32).

Esta palavra, que os dois dizem em coro, uníssono, expressa uma reconciliação bem sucedida. Melhor, uma reconciliação que possa continuar a se realizar por toda a vida, porque aprenderam de Jesus, o método do caminho de construção de um sentimento em comum, um pensamento em comum, escolhas em comum. Nesta frase dos dois discípulos, está a síntese do diálogo cristão, aquele que constrói realmente a comunhão entre nós, nas comunidades, na Igreja, no mundo.

O diálogo começa realmente, quando acolhemos a Palavra de Deus em Cristo presente a nos falar, em Cristo, que caminha conosco para nos falar e iluminar sobre as Escrituras. Quando se cultiva a consciência, litúrgica, eucarística, de que Cristo nos fala, realmente, caminhando conosco, as Escrituras, o Evangelho, não são apenas "lições" que Deus nos dá, mas um real "conversar" com Ele: "enquanto nos falava no caminho". Não deveriam somente ouvir, mudos, mas poderiam fazer perguntas, objeções, expressar seus sentimentos, as suas ideias; de fato, o verbo sucessivo, *dianoigo*, literalmente significa *abrir*: é o verbo de quem abre a porta, para fazer entrar os convidados. Portanto o falar de Jesus, explicando as Escrituras, era um convite para vir a Ele, para dialogar sobre a palavra de Deus.

É assim que também na comunidade, é necessário viver o diálogo, partindo da partilha da Palavra de Deus, para que este diálogo possa envolver todo o nosso ser, o nosso coração, e fazê-lo arder, isto é, apaixoná-lo pela beleza e verdade de Cristo, pela verdade que Deus nos comunica se revelando.

Se isto acontece, o diálogo leva os irmãos, as irmãs, não apenas a ter idéias comuns, ou tomar decisões comuns, ou concordar nas decisões e escolhas, mas também, e sobretudo, a colocar em comunhão o coração: "Não nos ardia o coração dentro de nós?". Os dois se comunicam uma comunhão de experiência interior, de sentimentos profundos, de alegria e emoção, provocadas por Cristo, pela Palavra de Deus. Então, a reconciliação não é apenas superficial, mas produz uma concórdia real, uma comunhão de corações profunda e sólida, mesmo se as opiniões e idéias, talvez permaneçam diferentes. Quando descobre uma concórdia com o irmão, no ouvir e reconhecer Jesus Cristo, na oração e na escuta da Palavra de Deus, não há mais necessidade de acusá-lo, de levá-lo ao juiz, de ir sempre ao abade para criticá-lo e para obter uma vantagem ou uma vitória sobre ele. Quando se faz realmente a experiência de quanto a beleza, bondade e verdade de Cristo nos faz arder o coração, não se há mais vontade de continuar reclamando uns dos outros, pelas mesmas mesquinhas, pela luta de poder, para obter vantagens mundanas estéreis.

Quando nos levamos, uns aos outros, ao juiz, perdemos o tempo, o tempo da vida. É um tempo, em que, não vivemos verdadeiramente e não deixamos os outros viver. Quanto tempo se perde nas comunidades, também durante as Visitas canônicas, para acusar-se uns aos outros sobre assuntos, normalmente, de poder e vantagens individuais! Discuti-se, discuti-se e, no final, já não se sabe quem está certo e quem está errado, mesmo porque na acusação do outro, no fundo, todos erramos. Se consagassem este tempo e estas energias para caminhar juntos com Cristo, para ouvi-Lo, a conversar entre nós na Sua presença, cresceria em nós uma experiência ardente de beleza, de um gosto pela vida, pelas relações comunitárias, da nossa vocação, que tornaria tudo belo, até as fraquezas e defeitos dos irmãos, irmãs e dos superiores.

### **Remitir a dívida irrisória do irmão**

Se o adversário nos leva ao tribunal, deveremos pagar a nossa dívida na prisão "até o último centavo" (Mt 5,26). É um detalhe que nos remete à parábola do grande devedor, que não perdoa o pouco dinheiro que lhe deve seu companheiro (cfr. Mt 18,23-35). Mas acima de tudo, nos remete à oração de Jesus e em Jesus, por excelência, que é "o Pai Nosso", no qual Cristo inseriu e enfatizou o tema das dívidas fraternas, que devemos perdoar como o Pai nos perdoa (cfr. Mt 6,7-15).

É como se Jesus nos dissesse que quando o nosso adversário está nos levando para o tribunal, para nos fazer pagar até o último centavo, ou quando somos nós que estamos levando o irmão para tribunal, para que nos pague até o último centavo que nos deve, o entrar em acordo, a reconciliação que deve ocorrer no caminho, deveria ser na decisão comum de anular a dívida, real ou imaginária, que existe entre nós. São Paulo resumirá, admiravelmente, esta reconciliação escrevendo aos Romanos: "A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, a não ser o amor recíproco; porque aquele que ama o seu próximo cumpriu toda a lei" (Rm 13,8). E lembra que toda a lei se resume no mandamento: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (cfr. Rm 13,9; Lv 19,18.). Quem entre nós não perdoa todas as dívidas que há consigo mesmo?!

Perdoar as dívidas implica no consentimento a renunciar àquilo que o irmão já me priva, porque aquilo que emprestei, já me falta. A dimensão do "esvaziamento" de si, que em grego é a *kenosis*, aquele que escolheu o Filho de Deus, fazendo-se homem e morrendo na Cruz (cfr. Fil 2,6-11), é, portanto, indispensável para uma verdadeira reconciliação. Para nos reconciliar uns com os outros, a nossa liberdade deve permitir que se perca aquilo que o irmão ou irmã nos deve, e assim, nos "esvaziar" do que teríamos direito. Este esvaziamento é gratuito, vai além da simples justiça, é misericórdia.

Como é possível isto? Como podemos fazer esta escolha, para perdoar a dívida de nosso irmão? Ou como podemos pedir esta escolha ao irmão, no qual, somos devedores? Como é possível escolher perder alguma coisa, para esvaziar-nos de algo, para diminuir? Como podemos pedir isto aos nossos irmãos e irmãs, em conflito uns com os outros ou conosco?

Nisto, é importante que entendamos o verdadeiro sentido da humildade na Regra e no carisma de São Bento. Mas acima de tudo, que entendamos a humildade do próprio Cristo, porque é a esta que São Bento nos quer formar, para viver em tudo, e juntos, o mistério pascal.

Vimos que na passagem de Mateus que meditamos, os dois termos utilizados para definir a reconciliação, *diállasso* e *eunoio*, implicam a troca, o diálogo, para alcançar uma comunhão de pensamentos, sentimentos. São Paulo introduz o hino de Filipenses 2 com estas palavras: "Se me é possível, pois, alguma consolação em Cristo, algum caridoso estímulo, alguma comunhão no Espírito, alguma ternura e compaixão, completai a minha alegria, permanecendo unidos. Tende um mesmo amor, uma só alma e os mesmos pensamentos. Nada façais por espírito de partido ou vanglória, mas que a humildade vos ensine a considerar os outros superiores a vós mesmos. Cada qual tenha em vista não os seus próprios interesses, e sim os dos outros." (Fil 2,1-4)

E imediatamente São Paulo resume tudo isto, pedindo-nos de abrir-nos àquilo que permite, realmente, esta conversão dos nossos corações, sentimentos e pensamentos: "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus." (2,5)

Não podemos nos reconciliar somente entre nós, mudando os *nossos* sentimentos e os sentimentos do irmão. Precisamos de sentimentos que superam, que ultrapassam a nossa medida, o nosso fechar-se. Precisamos dos sentimentos de Cristo, literalmente: de "sentir em nós como em Cristo Jesus". E imediatamente depois, Paulo nos revela que Jesus não quis encher-se, nem mesmo de si, da sua igualdade com Deus, mas preferiu esvaziar-se e obedecer até a sua morte na Cruz (cfr. Fil 2,6-8).

Se São Paulo nos pede isto, é porque esta graça nos foi dada e podemos acolhê-la. Podemos ter, em nós e entre nós, os sentimentos de Cristo, isto é, a sua caridade.

Nós, muitas vezes, procuramos nos reconciliar e viver a comunhão fraterna, como se tratasse de construir e produzir algo que vem apenas de nós. Como se a comunhão cristã fosse um pacto, um contrato, um acordo bilateral entre nós. Nada é bilateral na Igreja,

porque em tudo, somos chamados a deixar vir e agir um Terceiro entre nós, que é Deus, que é Cristo, que é o Espírito Santo. Na parábola de Lucas 15, é o pai, e a misericórdia do pai, que pode criar reconciliação entre os dois irmãos.

Por isso, não existe nenhuma reconciliação entre nós, se não ouvimos e acolhemos a presença de Deus em nosso meio. E Deus nos dá o Espírito Santo para isto. Deus nos comunica a sua Comunhão trinitária, para nos permitir ser um, como o Pai e o Filho estão unidos (cfr. Jo 17).

Isto significa que uma profunda reconciliação, uma verdadeira comunhão, não se improvisa em nossas comunidades. É preciso um caminho feito juntos, que nós superiores temos que encorajar com todo o nosso empenho, um caminho de escuta da Palavra de Deus, de oração, uns pelos outros, e juntos. Um diálogo propenso a reconhecer o Senhor presente entre nós e que nos fala, e que nos transmite, como aos discípulos de Emaús, os sentimentos da sua caridade humilde e ardente.

"Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve." (Mt 11,28-30)

O trabalho que deveremos fazer em comunidade, é aquele de fazer experiência juntos, na escuta, na oração, na vida fraterna, de quanto Cristo restaure as nossas vidas. Fazer, isto é, experiência juntos com Jesus que sacia a nossa sede, nos alimenta, nos consola. É sobre esta experiência que se torna possível renunciar às falsas compensações, que criam entre nós, falsas dívidas e falsos créditos. Quando nos ajudamos, entre nós, a sentir a plenitude que Deus é para nós, mesmo se somos privos ou privados de tudo, então realmente a única dívida que temos uns para com os outros, é apenas a da caridade, o "amor recíproco" (Rm 13,8). A caridade é a única realidade que mais nos esvaziamos, mais nos preenche. Porque a natureza da caridade é o doar-se. Mais doamos amor e mais possuímos amor. É o mistério de Deus, da Trindade, e o mistério da Misericórdia divina.

A reconciliação cristã, não é então, somente um cuidado passageiro de um problema, a solução de um incidente de percurso, mas a experiência essencial e permanente do mistério de Deus, vindo para envolver a nossa vida.